



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

INGRID MIRANDA DE MORAIS MEDEIROS

**O ECOAR DOS SONHOS NO LIMIAR DA POLÍTICA DE VIDA ANTICOLONIAL:
UMA LEITURA D'A *SOCIEDADE DOS SONHADORES INVOLUNTÁRIOS*, DE JOSÉ
EDUARDO AGUALUSA**

PATU - RN

2021

INGRID MIRANDA DE MORAIS MEDEIROS

O ECOAR DOS SONHOS NO LIMIAR DA POLÍTICA DE VIDA ANTICOLONIAL:
UMA LEITURA D'A *SOCIEDADE DOS SONHADORES INVOLUNTÁRIOS*, DE JOSÉ
EDUARDO AGUALUSA

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

PATU - RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

M488e Medeiros, Ingrid Miranda de Morais

O ecoar dos sonhos no limiar da política de vida anticolonial: uma leitura d'A sociedade dos sonhadores involuntários, de José Eduardo Agualusa. / Ingrid Miranda de Morais Medeiros. - Patu, 2021.

42p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. sonhos. 2. política de vida. 3. personagem. 4. literatura anticolonial. 5. ficção angolana contemporânea. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo ao meu Deus, pois diante de tantas dificuldades e incertezas, Ele se faz presente em mim, sendo meu auxílio e meu refúgio em cada uma das minhas crises interiores. Agradeço por me conceder a sabedoria necessária para cada passo dado até aqui. Sei que nenhum dos seus planos podem ser impedidos. Ao Senhor elevo o meu louvor e gratidão sempre!

Agradeço a minha família por todo o apoio concedido a mim durante todos esses anos, especialmente aos meus pais, Aldemir de Medeiros e Elma Miranda e ao meu irmão, Irlan Miranda. Embora em suas limitações, sempre me incentivam e sonham coisas lindas e mais altas do que eu mesma consigo! Agradeço por cada palavra de fé e esperança que dedicam a mim. Estão todas guardadas aqui dentro. Nada do que eu faça nessa vida será suficiente para pagar tudo o que fazem. Amo vocês com tudo o que há em mim!

Agradeço ao meu namorado, Mirosmar Silva, por cada palavra de ânimo nos meus momentos de angústia; por tentar me ajudar naquilo que eu não conseguia fazer sozinha e por sempre acreditar no meu potencial. Seu apoio foi essencial para mim, obrigada!

Agradeço aos meus amigos e colegas de faculdade. Ao meu grupinho amado, em especial, Eliane Maria e José Nilton Júnior. Vou sentir saudade das nossas conversas na sombra da árvore e o companheirismo nos trabalhos. Aos meus colegas do Projeto de Pesquisa, também agradeço pelas partilhas de afetos e conhecimentos. A Thanara Américo, estendo um agradecimento a mais, pois nesse processo esteve comigo, me ouvindo e ajudando, além disso, me acolheu para a vida, para fora dos portões da Universidade. Obrigada pela força!

Agradeço a todos os mestres do CAP/UERN, que nesse processo foram essenciais para minha formação. Sem o ensinamento de vocês não seria possível estar aqui. Estendo ainda o meu agradecimento a todos que compõem o *Campus* Avançado de Patu, pois é uma honra ter a oportunidade de ter acesso ao Ensino Superior de qualidade no interior do Estado do Rio Grande do Norte. Somos resistência!

Agradeço a minha orientadora, Annie Figueiredo, por ser tão afetuosa e humana; por me ensinar o que preciso saber sobre a vida acadêmica e mais do que isso, a ensinar não somente a mim, mas a todos os alunos que passam por você a importância do descanso e do autocuidado, pois somente estando bem é que conseguimos prosseguir a caminhada. Obrigada por cada oportunidade que me deu para crescer em conhecimento e por ter uma visão tão linda dos seus orientandos. Um abraço bem grande!

Agradeço as professoras, Lailsa Ribeiro e Vanessa Bastos, por aceitarem fazer parte desse momento tão especial e por cada uma das contribuições feitas nessa pesquisa.

Agradeço, pôr fim, a todos os que direta e indiretamente contribuíram, oraram e torceram para que esse momento chegasse. Minha gratidão a todos!

“Por que será que o sonho, fenômeno normalmente noturno que tanto pode evocar o prazer quanto o medo, é justamente a palavra usada para designar tudo aquilo que se quer ter? [...] o sonho é a força motriz dos nossos comportamentos, a motivação íntima da nossa ação exterior”. (RIBEIRO, 2019, p.21)

RESUMO

Nesta pesquisa abordamos o sonho como principal âmbito da luta anticolonial no romance *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Para isso, nossa leitura é voltada para a vivência do personagem Hossi Apolónio Kaley, movida dentro do cenário neocolonial. A existência do referido personagem articula e gera política de vida ao seu redor. Por esse viés, nosso objetivo é analisar o sonho como âmbito anticolonial e as formas de (re)encantamento que permeiam o personagem Hossi, ex-guerrilheiro pertencente a Unita, um dos movimentos criados antes da guerra de libertação. Assim, visamos compreender o processo da luta anticolonial em Angola e investigar como os sonhos influenciam nos desdobramentos da narrativa, principalmente na relação entre Hossi e os demais personagens, pois o onírico reflete em suas atitudes, relacionando as memórias políticas e os sonhos. Partimos do pressuposto de que a Angola pós-guerra de libertação sofre com o neocolonialismo e ainda é possível encontrar resquícios da “velha Angola”. Através da pesquisa de caráter exploratório, de cunho bibliográfico, para embasamento teórico principal, nossa análise interpretativa dos excertos selecionados articulou os autores Simas e Rufino (2020), sobre as questões relacionadas ao encantamento e política de vida; Sidarta Ribeiro (2019), aprofundando as veredas dos sonhos, enxergando o espaço onírico como um lugar de transformação cotidiana, uma vez que os sonhos tecem fortes conexões entre os personagens da narrativa; e por fim, Aimé Césaire (1978) e Frantz Fanon (2008), a respeito da luta anticolonial, ambos são pensadores indispensáveis sobre colonialismo e anticolonialismo. Com esta pesquisa visamos evidenciar o tempo sombrio que foi e é vivenciado pelos angolanos e refletir sobre os processos de lutas, usando os sonhos como principal possibilidade de cultivo da liberdade e vida.

Palavras-chave: sonhos; política de vida; personagem; literatura anticolonial; ficção angolana contemporânea.

ABSTRACT

In this research, we intend to approach the dream as the main scope of the anticolonial struggle in the novel *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários* (2017), by the Angolan writer José Eduardo Agualusa. For this, the reading is focused on the experience of the character Hossi Apolónio Kaley, moved within the neocolonial scenario. The character's existence articulates and generates life politics around him. In this way, our objective is to analyze the dream as an anti-colonial scope and the forms of (re)enchantment that permeate the character Hossi, a former guerrilla belonging to Unita one of the movements created before the liberation war. Thus, we aim to understand the process of the anti-colonial struggle in Angola and investigate how dreams influence the unfolding of the narrative, mainly in the relationship between Hossi and the other characters, because the oneiric reflects in their attitudes, relating political memories and dreams. We start from the assumption that post-liberation war Angola suffers from neocolonialism and it is still possible to find remnants of “old Angola”. Through exploratory research, bibliographical in nature, for the main theoretical basis, our interpretive analysis of selected excerpts articulated the authors Simas and Rufino (2020), on issues related to enchantment and life politics; Sidarta Ribeiro (2019), deepening the paths of dreams, seeing the oneiric space as a place of daily transformation, as dreams draw strong connections between the characters in the narrative; and finally, Aimé Césaire (1978) and Frantz Fanon (2008), regarding the anti-colonial struggle, both are indispensable thinkers about colonialism and anti-colonialism. With this research, we aim to highlight the dark time that was and still is experienced by Angolans and reflect on the processes of struggle, using dreams as the main possibility for cultivating freedom and life.

Keywords: dreams; life politics; character; anti-colonial literature; contemporary angolan fiction.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2	LITERATURA E ANTICOLONIALISMO: A POLÍTICA DE VIDA ENQUANTO POSSIBILIDADE DE LIBERTAÇÃO	12
2.1	A luta anticolonial na prosa contemporânea angolana	13
2.2	A política de vida como tática de libertação em <i>A sociedade dos sonhadores involuntários</i>	19
3	O GUERRILHEIRO DESENCANTADO, OU QUANDO OS SONHOS SE VÃO JUNTO COM AS MEMÓRIAS	26
3.1	Hossi e a relação entre o sonho e memória política	26
3.2	(Re)encantamento e luta anticolonial: os sonhos enquanto articuladores da democracia na trama	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escrever e pesquisar no campo literário é um desafio que possibilita a entrada para mundos desconhecidos prontos para serem descobertos. Pois, se pensarmos no que move a vida humana encontramos nas páginas dos livros literários. Há quem diga que a literatura de nada vale, e que nos livros não há nada que possa ser usado para algo realmente útil. Contudo, ao simples olhar atento às letras que nos conduzem pela leitura, verificamos que não é somente um amontoado de palavras, mas que cada uma delas, colocadas de modo bem articulado pelo autor, ao final, nelas nos (re)conhecemos.

Nesse sentido, nosso objetivo é analisar o sonho como âmbito de luta anticolonial¹ e as formas de (re)encantamento que permeiam o personagem Hossi. Consideramos, sobre a nossa escolha temática, que esse personagem se sobressai aos outros que constituem o romance. Para isso, compreenderemos a respeito do processo da luta anticolonial em Angola na prosa contemporânea africana, investigaremos como os sonhos influenciam nos desdobramentos da narrativa, para então relacionar as memórias políticas e os sonhos na conjuntura da luta anticolonial na obra agualusiana.

Inicialmente, esse recorte adveio a partir da leitura do romance *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), de José Eduardo Agualusa, posteriormente, do ensaio emblemático *Encantamento: sobre política de vida* (2020), de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino. Assim, julgamos pertinente a escolha desse tema, porque consideramos que o romance demonstra um cenário devastado pelo processo colonial, os personagens do romance instalam táticas de sobrevivência guiados pelos sonhos e motivados pelas presenças ancestrais, produzindo em si e nos outros política de vida, algo que vai de encontro às desesperanças pregadas pelas marcas da colonização em Angola. Ressaltamos também que a escolha desse romance para ser o objeto de análise nessa pesquisa, é uma continuidade do Projeto de Pesquisa Fluxo Contínuo, intitulado “*O sonho é o olho da vida*”: *encantamento & política de vida na prosa contemporânea africana*.

¹ Nesta pesquisa optamos por utilizar o termo anticolonial para se referir a todas as vertentes que de algum modo se assemelham, como por exemplo o termo decolonial, que poderia facilmente aparecer neste trabalho, contudo, para clarificar o entendimento dos termos, escolhemos seguir dessa maneira. Fizemos essa escolha a partir das concepções do filósofo e historiador Domenico Losurdo, o qual trata das questões coloniais e as lutas sociais frente a esse movimento como lutas anticoloniais. Assim sendo, ressaltamos também que o termo neocolonial também está inserido aqui, pois, quando o utilizamos, compreendemos o período que surge após o fim da colonização portuguesa em Angola.

Por esses motivos, consideramos que esta pesquisa é importante pelo fato de adentrar nos contextos desoladores da Angola contemporânea, mergulhados n' *A sociedade dos sonhadores involuntários*. Havendo a aproximação com a conjuntura brasileira, a narrativa evoca possibilidades de libertação quando tece sonhos na vida dos personagens e mostra que a vida é preciosa em tudo que ela envolve. Assim sendo, reconhecemos que os sonhos configuram a política de vida pelo encantamento, aspecto que também nos move a pesquisar sobre o assunto, visando expandir o conhecimento de alternativas tão importantes em nosso tempo.

A sociedade dos sonhadores involuntários (2017) é o décimo quarto romance de José Eduardo Agualusa, considerado um dos autores mais conhecidos e prestigiados da literatura africana de Língua Portuguesa. Ele ganhou vários prêmios por seus romances singulares que trazem a complexa realidade de forma poética e trata com veemência as questões sociopolíticas e históricas da Angola contemporânea.

Escolhemos para a presente pesquisa, seguir um método qualitativo, pois por meio da seleção de trechos da obra delineamos os caminhos do personagem Hossi Apolónio Kaley, que enfrentou a guerra civil angolana antecessora da guerra de independência e, por isso, carrega em si lembranças de um passado violento, conturbado e um tanto sombrio, mas que no decorrer do tempo encontra nas vivências passadas, motivos que o levam a sonhar e também fazem os outros sonharem.

Assim, se tratando de uma análise literária interpretativa a partir da crítica temática, que envolve a política de vida e o encantamento através dos sonhos para gerar um enfrentamento anticolonial, se faz necessário aprofundar o conhecimento entrelaçando ideias entre texto literário e teorias, para que haja uma construção de sentidos visando conexões libertárias e potentes. Por esse motivo, realizamos uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, visto que a temática abordada no trabalho ainda é pouco estudada no campo literário. Adentramos o caminho iniciado por Simas e Rufino, principais nomes sobre a política de vida e o encantamento.

O ensaio emblemático *Encantamento: sobre política de vida* (2020), de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, reflete sobre as conexões que foram perdidas ao longo do caminho e que consequentemente tornaram as pessoas presas fáceis para o desencanto; também lemos Sidarta Ribeiro, para entrelaçar suas descobertas sobre os sonhos com a política de vida. Em *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (2019) ele traz questões de suma importância que nos ajudam a compreender a relevância que os sonhos têm na vida do ser humano e o quanto eles influenciam no romance estudado nesta monografia. Se tratando de um estudo que envolve a

luta anticolonial, fizemos uso dos estudos de Frantz Fanon (2008), um dos principais nomes referentes ao anticolonialismo, bem como Aimé Césaire, com sua obra *Discurso sobre o colonialismo* (1978), para entendermos alguns processos contracoloniais e que também possui uma larga importância para que se torne possível a compreensão mediante as contradições do processo colonial e como ele reverbera até hoje.

Como citado anteriormente, a análise interpretativa considera que o texto literário não é um objeto engessado, mas sim fluido, o qual traz em si percepções amplas e constrói múltiplos sentidos, e por isso, para nortear a pesquisa referente a metodologia usada no campo literário, tivemos o auxílio do professor e teórico Fabio Akcelrud Durão com *Metodologia de pesquisa em literatura* (2020), uma vez que a pesquisa em literatura requer métodos que nos encaminhem para compreender de forma mais significativa as trilhas necessárias frente as peculiaridades de um texto literário.

Nosso trabalho está dividido em dois capítulos principais, que envolvem teoria e análise literária. No primeiro capítulo de análise, nos delimitamos em duas subseções para tratar sobre a luta anticolonial presente na prosa contemporânea angolana, que aqui, está centrada no romance *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), de José Eduardo Agualusa. Bem como, apresentamos a política de vida como uma tática contra o anticolonialismo. O capítulo seguinte, também está dividido em duas subseções e nelas abordamos de maneira mais específica o personagem Hossi Apolónio Kaley, mostrando sua relação com os sonhos e suas influências no cenário neocolonial que ocasionam o (re)encantamento, mostrando-se articuladores da democracia.

2 LITERATURA E ANTICOLONIALISMO: A POLÍTICA DE VIDA ENQUANTO POSSIBILIDADE DE LIBERTAÇÃO

Ao olharmos para os cenários em que a colonização estendeu as teias da dominação, é possível identificar semelhanças em relação as situações vivenciadas nos territórios colonizados. Temos como exemplo Angola e todos os outros sete países que foram dominados pelos portugueses, por aproximadamente quatro séculos, e a luta pela liberdade se fez necessária para todos esses países. Dentre os territórios que foram colônia de Portugal, Angola foi o último país a conseguir a independência, fato que ocorreu no dia 11 de novembro de 1975.

Pretendemos neste primeiro capítulo abordar sobre a luta anticolonial na prosa contemporânea angolana, pois entendemos que a literatura abrange todas as esferas sociais, no sentido de que a escrita literária sempre possibilitou uma abertura para que os escritores externassem sobre dores individuais e coletivas, principalmente. Por esse viés, partimos desse ponto em direção a obra *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), de José Eduardo Agualusa, esse que faz parte de uma literatura escrita e construída em Angola, traz em sua narrativa aspectos fundamentais para entendermos como a escrita literária pode ser um lugar de descobrimentos e pertencimentos.

Por conseguinte, caminhando por essa mesma trilha, discorreremos sobre a política de vida como tática anticolonial, uma vez que ela está intrínseca ao romance, sendo ela a maneira pela qual os personagens se movimentam, delineando percursos diante de toda a catástrofe e morte que sobrevém ao povo angolano, isso por estarem envolvidos pelo jugo de um governo ditatorial. Nisso reside a importância de localizarmos nesta narrativa os pontos que se tornam fomentadores da política de vida nesse mundo obscuro que há muito tempo a população de Angola vem lutando para se desvencilhar.

Consideramos necessário o reconhecimento da escrita manifestada em países que foram territórios colonizados, como Brasil e Angola, e que Agualusa sempre faz menção, numa espécie de ponte entre esses dois países, visto que o espaço brasileiro também está presente em sua obra. Com isso, as palavras e as atitudes são ressignificadas em ambientações diversas.

Em suma, observamos os múltiplos contextos em que somos expostos ao tomar parte na leitura e interpretação de uma obra tão necessária que é *A sociedade dos sonhadores involuntários*, pois, ao passo que adentramos nesse lugar, se torna evidente a necessidade de se colocar em pauta as questões que são inseridas nessa escrita literária angolana, que passa a ser

reconhecida como algo rico culturalmente e também pelos diálogos políticos que estão latentes no texto.

2.1 A luta anticolonial na prosa contemporânea angolana

Desde meados do século XX, a literatura escrita no continente africano tem aberto as suas fronteiras para partilhar em forma de arte as (des)venturas vivenciadas em seu território. Por isso, nos aproximamos da Angola contemporânea para entendermos, baseados no texto literário, os processos da luta anticolonial no país e os enfrentamentos que lidam atualmente. Isso porque a literatura sempre esteve atrelada aos acontecimentos históricos, o que possibilita o encadeamento de diálogos pertinentes para o contexto atual.

Esse movimento entre literatura e história não ocorre diferente com a literatura contemporânea angolana, pois podemos considerar que em todo o percurso histórico-social em que a luta anticolonial está em evidência, diversos escritores do continente africano têm se debruçado na escrita literária para assim, expor as emoções e dores vividas por eles, para o resto do mundo, nisto

[...] a literatura angolana tradicionalmente acompanhou – pode-se mesmo dizer que foi parceira – as aspirações independentistas dos angolanos [...] com o passar dos anos e a intensificação da repressão colonial salazarista, o papel da literatura como amplificadora dos questionamentos coloniais passou a ser dividido em maior escala com a música, o teatro e outras manifestações culturais. Numa tentativa de driblar as atenções da repressão. Portanto, muito da importância da literatura na sociedade angolana se deve à sua projeção como um local de acolhimento e divulgação dos anseios de revolta contra o colonialismo português. (BITTENCOURT, 2000, p.5)

Com isso, Marcelo Bittencourt (2000) traz aspectos pertinentes para a nossa discussão, mostra a literatura como um meio de propagar os anseios de um povo, uma classe, um grupo. Nesse sentido, os anseios que corroboram *A sociedade dos sonhadores involuntários*, é uma narrativa imersa no contexto de revolta perante o neocolonialismo e a vontade de liberdade integrada no interior dos angolanos. Algo que tem acontecido desde os tempos de António Salazar enquanto presidente de Portugal e também colonizador de Angola. Os cenários são recriados na obra agualusiana até a contemporaneidade, tendo o MPLA como único partido no poder² desde a conquista da independência, situação que realmente tem acontecido no país.

² No início desse ano, uma matéria foi publicada no site Deutsche Welle (DW), sobre novos movimentos políticos que estão sendo formados em Angola para fazer frente ao MPLA. Levantando cartazes nas

Tudo isso sugere que as possibilidades frente a luta anticolonial no romance, é envolvida por um fio que parte da política de vida, na qual nos debruçamos com mais detalhes no próximo tópico. Vale salientar que por se tratar de uma prosa contemporânea do século XXI, há uma mescla de idas e vindas no tempo, visto que a contemporaneidade está a se construir a todo o tempo. Para Giorgio Agamben (2009, p.59) ela é “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias”. Ou seja, as circunstâncias vão sendo modificadas com o tempo de uma maneira veloz, então, falar sobre uma obra tão recente e com temáticas que expõe a realidade presente, é um lugar borrado, pois há a junção do passado e do presente que ainda está em constante mudança.

Por essa razão, entendemos que as escolhas do autor para a construção desse mundo, é justamente a inserção de diários, cartas e memórias de anos passados, que remetem ao tempo inicial das lutas constituídas pelos movimentos de libertação existentes em Angola, no período da guerra de libertação em 1975, ano em que o país conseguiu sua independência de Portugal, depois de quase quatrocentos anos sob a dominação portuguesa. Dessa forma, podemos ter uma visão ampliada da história como um todo, pois ela não está fechada num único momento, mas contempla as situações ocorridas anteriormente e que complementam o sentido do texto literário.

Assim, as narrativas contemporâneas são constituídas não seguindo um modelo pré-estabelecido nem um padrão a ser imitado, por isso, o autor tem a liberdade para fazer suas próprias escolhas semânticas e estruturais. Como é o caso da obra de Agualusa, em que o autor faz uso de várias vozes dentro do texto, possibilitando a interação do leitor com as vivências de cada um dos personagens que aparecem ao longo do romance, sejam eles primários ou secundários, a cada um é dada a voz, o que faz muito sentido, pois se quando observamos, é justamente isso que a obra mostra, não é somente o sonho de um indivíduo, mas, sim, os sonhos de uma coletividade inteira.

Essa junção de vozes e elementos próprios de romances contemporâneos, por vezes torna a interpretação um tanto dificultosa, visto que as possibilidades são diversas e por esse motivo, seguimos o que Fábio Durão (2020, p.30) afirma quando diz que “o erro a ser evitado aqui está em uma concepção frouxa de descrição, na ideia de que interpretar significa fazer uma listagem de predicativos do objeto”. Por esse motivo, a interpretação na prosa contemporânea requer cuidados minuciosos, sobretudo quando se trata de estudos ainda em fase de construção.

ruas com os dizeres “45 é muito: MPLA fora”, representa o início de uma possível nova era de poder e democracia no país. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/novos-movimentos-pol%C3%ADticos-surgem-em-angola-para-fazer-frente-ao-mpla/a-56332843>

Essa sociedade apresentada por Agualusa vive em um ambiente imperialista neocolonial, porque com o passar do tempo o colonialismo sofreu uma “repaginação”. Fanon (2011) explicita esse fenômeno quando mostra que o neocolonialismo em certo grau dá prosseguimento a atitudes medíocres através da escravização econômica e também biológica. Por isso, desde o seu surgimento no final do século XIX as maiores potências capitalistas, especialmente os europeus, se colocaram numa corrida para alcançar matérias econômicas em países como Angola e no continente africano em geral. Apesar de todo o período que passaram estacionados pelo colonialismo português, ainda tiveram e têm que se submeter a revoltas e guerras civis na busca por melhores condições de vida.

No romance há um grupo de pessoas que decidem lutar para desvencilhar a nação angolana de um regime ditatorial que se mostra um governo carregado de contrariedades, afinal o termo “ditadura democrática revolucionária” é mencionado, ainda que não haja possibilidades de algo assim existir, pois é impossível uma ditadura ser democrática.

Nesse sentido, somos guiados pelas vivências dos personagens durante a narrativa a refletir sobre as táticas que cada um possui para ir contra o colonialismo que anda disfarçado com boas intenções. Apesar de estarem num contexto de busca por liberdade (algo que até agora nunca aconteceu de fato), as pessoas já não suportavam mais viver num lugar aterrado por dor e subjugação.

Desse modo, “as pessoas adormeciam com a certeza de que o país estava à beira do fim e acordavam convictas de que viviam os primeiros dias de uma longa era de progresso e paz. Pouco depois a guerra recomeçou, mais violenta do que nunca” (AGUALUSA, 2017, p. 11). Isso porque no interior de cada um, existia um sentimento sobre o que acontecia ali, apesar de destruidor num primeiro momento, guardavam esperanças de que a situação em volta mudaria de paisagem.

Porém, não foi exatamente isso que aconteceu. O país entrou em guerra e muitos sacrificaram suas vidas em prol de uma causa que julgavam ser boa; na verdade as intenções sempre surgem como pontes para algo bom e maior, visto que dificilmente se encontrará alguém disposto a se entregar por algo que não acredita. Nessa luta por um lugar livre de opressão, os homens que iam para o combate, adquiriam cicatrizes de todas as formas: físicas, psicológicas e emocionais, algo que não dá para mensurar, pois podemos imaginar as coisas horrendas que presenciavam durante os confrontos de guerra.

Numa página datada no dia 22 de junho de 1998, o personagem Hossi Apolónio Kaley, na época guerrilheiro da União Nacional pela Independência Total de Angola (UNITA), escreve

em seu diário memórias que lhe chegavam enquanto tratava de seus ferimentos numa clínica especializada em traumas de guerra.

Nesse dia em especial, Hossi lembra-se de uma conversa que teve com Floco de Neve, uma jovem psicóloga, a respeito das coisas vividas na guerra, porém, no meio dessas suas impressões, ele diz que “a guerra durou demasiado tempo. A partir de certa altura deixamos de saber por que nos matávamos. A gente matava-se era por hábito” (AGUALUSA, 2017, p. 52-53). É possível identificar que nesse contexto rememorado por Hossi, os homens que ali estavam, muitos entregavam-se à morte, quase como um ato de contentamento. Continuando, Kaley diz:

Sim, muitos tomaram gosto em fazer tiros. Mergulhavam no meio das balas às gargalhadas, como quem salta de um penhasco para o mar revolto, como quem aposta tudo num jogo de pôquer, como quem se declara à mulher mais bela do mundo. (AGUALUSA, 2017, p.53)

Pensemos então, o quão obscuro torna-se a mente de um indivíduo inserido num ambiente de guerra. Um espaço em que a morte e a destruição imperam. Iniciar um ataque armado em direção ao inimigo e findar atacando-se uns aos outros, e além disso, matar não por uma necessidade de defesa, mas pelo fato de ter se tornado um hábito. Praticado tantas vezes seguidas ao ponto da mente se programar de uma maneira tão forte e nociva para atacar por deleite, como uma busca por prazer concedido pelas próprias mãos.

Diante disso, voltamo-nos a entender o que Michel Foucault (1988) diz quando expõe o exercício de que uns e outros sentem-se no poder sobre a vida de outro, quando se refere especialmente aos governantes que viviam debaixo da velha *pátria potestas*, apesar de atualmente esse direito de dispor poderio sobre vidas outras não seja algo constitucionalmente aceito, ainda assim, há quem os exercite. A situação vivenciada por Hossi e seus companheiros na guerra é um exemplo de que, em muitos casos, o desejo de tirar vidas e descartá-las se sobrepõe ao juízo de que esse tipo de poder não pode residir em mãos de homem algum, porque em nenhum tempo isso deveria ter feito parte de uma sociedade civilizada como a que vivemos.

Esse momento descrito por Hossi, vivido nos altos momentos da guerra, liga-se ao ambiente de colonização, pois do mesmo modo que a guerra torna as pessoas desumanas, a colonização também assim faz. Nesse sentido, Aimé Césaire (1978, p.23) disse que “a colonização desumaniza, repito, mesmo o homem mais civilizado”, porque quando o homem colonizador se põe a dominar outro, que joga ser inferior a si, torna aquele como um não humano, tratando-o como animais ou até mesmo menos do que isso, como objetos. Nesse

sentido, todo aquele que encontra deleite em obter poder sobre a vida humana, é de fato desumano.

Desse modo, podemos presumir que as motivações colonizadoras em âmbito algum beneficiou os povos, haja vista que até hoje as marcas de tempos passados permanecem na memória de muitos dos que contam suas histórias. Histórias que carregam o peso da dor e da luta pela condição de se sentirem livres. Então, a partir disso, nascem os movimentos pela libertação colonial; a luta anticolonial é a oportunidade de mostrar as vozes que por muito tempo foram sujeitadas.

Dentre os personagens apresentados por Agualusa, Hossi é aquele que se torna um centro irradiador de vida, podendo parecer um pouco contraditório se, por exemplo, observarmos a vida dele comparada com a de outro personagem, Daniel Benchimol. Dois homens totalmente distintos, tanto em ideias, quanto em hábitos e também nos caminhos percorridos até o momento que se encontram e passam a ser amigos.

O motivo que nos leva a refletir sobre isso é que, enquanto um ex-guerrilheiro, Hossi, possui pensamentos que carregam marcas de um tempo que foi sofrido e doloroso, mas, apesar disso, quando a oportunidade surge, tenta fazer justiça com as próprias mãos. Como se pode ver no trecho a seguir:

Reli a carta de Hossi durante a viagem. Tudo nela me aterrorizava: o tom conspiratório; o aviso sobre a polícia; a anunciada intenção dos revus de desencadear uma greve de fome; a sombria, e provavelmente certa, previsão de que o presidente se alhearia ao caso; a determinação em organizar um novo 4 de Fevereiro, ou seja, um assalto às prisões, como aquele que, em 1961, em Luanda, tentou libertar um grupo de nacionalistas. Não só nenhum nacionalista foi liberto, como morreram quarenta guerrilheiros. A data é celebrada em Angola como o início da luta armada de libertação contra o colonialismo português. (AGUALUSA, 2017, p.169)

O fragmento acima se refere a uma carta escrita por Hossi para Daniel. Nela vinha explícito o seu desejo de, por si mesmo, libertar os jovens revolucionários que foram presos ao serem falsamente acusados de um atentado contra a vida do presidente. Nesse grupo estavam um sobrinho dele e a filha de Daniel, ambos participaram ativamente do protesto, vindo a serem todos presos políticos.

Buscando um meio pacífico para protestar contra o governo, esses jovens decidem iniciar uma greve de fome e, no meio de toda essa confusão, Hossi decide invadir a prisão para

libertar os jovens revus³ e como diz na carta, rememorar o 4 de fevereiro. Dia emblemático quando se fala sobre a luta pela independência de Angola, marco do início de uma era de guerras e revoltas. Esse foi somente o primeiro tiro que abriu o tempo para a busca por mudança no país.

Apesar de ter sido uma ideia louvável, não resultou em algo satisfatório, visto que muitas vidas foram ceifadas nesse dia. O objetivo principal também não foi alcançado, que era justamente libertar os presos. Independente do ocorrido, a data é comemorada no país como um símbolo de orgulho pelo passo dado frente a colonização portuguesa:

– Não vai festejar a independência? – Não há muito o que festejar... [...] – Os portugueses partiram, voltaram para a terra deles, foi o que aconteceu a seguir. Agora somos independentes. – Sim, o colonialismo português acabou, mas não ficamos mais livres nem mais em paz. – Talvez não. Em todo o caso, eu prefiro ser mandado por um preto do que por um branco ou por um mulato, amigo, sem ofensa. (AGUALUSA, 2017, p.37-38)

Observando o distanciamento entre as opiniões dos dois personagens, é notório que Daniel, possui um senso de democracia bem mais apurado do que Hossi, afinal, para ele o importante era os portugueses terem ido embora com todas as suas imposições ao povo angolano, porque ao seu ver, faz mais sentido ser governado por um negro de seu país, do que por um branco português.

O que por outro lado, é visto por Daniel como uma situação bem semelhante ao que era vivido quando ainda Angola era colônia de Portugal, afinal a colonização portuguesa teve o seu fim naquele momento, contudo, o governo que veio após a independência não modificou em quase nada o quesito de tornar livre a Angola, o que inclusive tornou-se no fundo, um novo colonialismo, mesmo sendo o presidente um governante da terra, um compatriota, as manipulações governamentais permaneciam as mesmas.

Daniel, um simples jornalista, pacifista, busca racionalizar meios não violentos para driblar as más expectativas que sobrevêm a ele. Afinal, como um jornalista que enxerga no

³ Os revus que aparecem no romance de Agualusa, é um grupo formado por sete jovens ativistas que cansados de ver o povo de Luanda sendo oprimido pelo regime governamental vigente, decidem iniciar um protesto pacífico. O movimento se deu início na abertura da 1ª Conferência Internacional Contra a Corrupção, em que uma das jovens ativistas salta sobre a mesa, lançando notas falsas sujas com tinta vermelha, simbolizando sangue, proferindo as seguintes palavras: “- Abaixo o ditador.” Isso ocasionou a prisão de todos os sete jovens. A partir disso, decidiram iniciar uma greve de fome como maneira de continuar o protesto pacífico, o que repercutiu em vários países. José Eduardo Agualusa ao criar esses personagens inspirou-se no grupo de ativistas reais conhecidos por revus, mas também por “15+2”, que em Angola também foram para a prisão como presos políticos, acusados de atentar contra a vida do presidente vigente em Angola, do partido MPLA, José Eduardo dos Santos.

governo algo que vai contra a democracia, exerce sua profissão até ser expulso de lá porque há um impedimento em relação as suas publicações:

Foi só após um jornal português me contratar como correspondente, e eu ter começado a escrever sobre política e sociedade, que surgiram os problemas [...] tentei lhe explicar que não podíamos confundir o governo com o país. Criticar os erros do governo não era o mesmo que destratar Angola e os angolanos. Pelo contrário, eu criticava os erros do governo porque sonhava com um país melhor. (AGUALUSA, 2017, p.12)

Como se vê acima, Daniel foi censurado e retirado do emprego por criticar os atos absurdos do governo, o que era visto por muitos, e principalmente por seu sogro, como um ato de traição contra o povo angolano. Nesse momento histórico-social retratado na obra, Angola estava no auge da guerra de independência e logo em seguida a MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, na pessoa de Agostinho Neto, tomaram para si o governo de Angola o que até então jamais outro partido teve oportunidade de fazer.

Daniel apesar de ter em seu espírito o anseio por viver em uma democracia real, é conhecido como um revolucionário de sofá, isso porque a revolução proposta por ele estava nas linhas e matérias dos jornais que escrevia, não demonstrava uma iniciativa concreta, o que ocasiona a sua não ida para as ruas ou a coragem para combater de fato, o que por outro lado, Hossi tem de sobra; ele possui um senso de justiça mais sanguinário e pragmático, com poucas palavras e mais ações.

Porém, como fora dito, apesar de todos os fatores que o tornam complexo, esse personagem carrega em si algo que conecta a vida de todos os outros personagens, o que consequentemente tece uma teia de política de vida no meio de todo o caos existente. É isso o que de certo modo traz esperança para a luta anticolonial.

2.2 A política de vida como tática de libertação em *A sociedade dos sonhadores involuntários*

Nesse tópico consideramos pertinente tratar sobre a política de vida em *A sociedade dos sonhadores involuntários*. Isso porque a política de vida encontra-se em continuidade com a política de morte, visto que, em uma conjuntura neocolonial há laços quebrados e guerras contínuas. Portanto, Simas e Rufino, no ensaio *Encantamento: sobre política de vida* (2020), compreendem que “a noção de encantamento vem sendo ao longo do tempo trabalhada como uma gira política e poética que fala sobre outros modos de existir e de praticar o saber” (SIMAS;

RUFINO, 2020, p.7). Entendemos com isso que o encantamento é, pois, em primeira instância, as táticas e artimanhas usadas para burlar os ataques perversos que afrontam a sobrevivência do ser.

É nesse sentido que enxergamos a importância sugerida por essa ideia, para a compreensão da luta anticolonial em *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), pois o encantamento é o meio que se produz a política de vida na trama, que vai de encontro ao descarte da vida para subvertê-lo.

Seguindo esse pensamento, a perspectiva da política de vida é uma das táticas que o personagem Hossi Apolónio Kaley utiliza para movimentar a gira política e poética dentro do romance. Sabendo que a obra em questão é uma prosa contemporânea angolana de Língua Portuguesa, e com ela inferimos que é de suma importância buscar conhecer mais a respeito da escrita feita em Angola e indo um pouco mais além, reconhecer nessa escrita marcas importantes daqueles que se ressignificam dia após dia, reafirmando sua existência num contexto social impactado pelas muitas guerras sofridas durante as gerações.

Os movimentos que constituíam os partidos políticos naquela época e que de certo modo lutaram juntos para a conquista da liberdade, tais como MPLA, FNLA e UNITA, passaram a lutar entre si, causando conflitos e guerras civis: “[...] havia três movimentos de libertação antes da independência, não era? E já se combatiam uns aos outros. Matavam-se uns aos outros.” (AGUALUSA, 2017, p.37). Até hoje esses confrontos vêm se prolongando. Principalmente quando se trata do partido que desde a independência está governando o país.

É nesse cenário de conflitos que Agualusa elabora a presente narrativa. Sob um governo pós-colonial, que denota um tanto de opressão em relação ao povo angolano, criando outra elite e ainda estagnando as melhorias para o povo. A constante busca pela liberdade parte de alguns poucos, que reconhecem nos sonhos uma maneira poderosa e ética de burlar o sistema opressor e colonial.

Hossi, ex-guerrilheiro da UNITA, possuía a função de interrogar pessoas, o que às vezes exigia dele um tanto de frieza, pois era necessário, em certas ocasiões, usar meios agressivos para obter respostas, como ele mesmo disse: “[...] atravesssei o inferno.” (AGUALUSA, 2017, p.37). Podemos deduzir então que as situações as quais viveu durante aquele período ocasionou impactos que o marcou no decorrer da vida.

Em uma dada ocasião, Hossi sofre um acidente, um raio o atinge e ele morre, mas num instante seguinte volta à vida, então a partir desse momento, ele passa a insolitamente transitar nos sonhos das pessoas: “Todos sonham comigo. Eu, vestido com um casaco de seda, roxo,

fazendo isso e aquilo” (AGUALUSA, 2017, p.55). O interessante é que apesar de transitar nos sonhos das pessoas, o próprio Hossi era alheio a tudo isso, era como se ele não sonhasse e suas memórias estivessem perdidas.

Algum tempo depois, Hossi continua a escrever em seu diário sobre a sua perda de memória: “[...] e perdi nesse processo um pedaço de memória ou, melhor, muitos pedaços de memórias” (AGUALUSA, 2017, p.58). Sobre isso, Sidarta Ribeiro (2019, p.14) diz que “o sonho é um simulacro de realidade feito de fragmentos de memória”, e se os sonhos são constituídos a partir de memórias, lembranças que se formam durante as nossas vivências cotidianas, sejam boas ou não, serão elas que de certo modo nortearão os sonhos que temos durante a noite. Por esse motivo, sabemos o porquê de Hossi não lembrar de seus sonhos: suas memórias foram perdidas.

Apesar de sua perda de memória ter sido ocasionada essencialmente pelo acidente com os raios, sua participação na guerra contribuiu para que esse problema se intensificasse, isso porque a guerra arranca pedaços daqueles que passam por ela. Ninguém sai ileso. As cicatrizes podem estar dentro e fora do ser. Esses que conseguem escapar com vida, Simas e Rufino os denominam de “sobras viventes” e essas sobras viventes

[...] conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar ‘supraviventes’: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre o ser e o mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. (SIMAS; RUFINO, 2020, p.6)

A movimentação que Hossi causa nas pessoas que o veem em seus sonhos, gera exatamente a construção de conexões entre o ser e o mundo citado por Simas e Rufino, um mundo que em determinadas situações transcende o pensamento humano, pois a habilidade que ele possui de passear pelos sonhos alheios não condiz com a realidade que vivemos, por isso, entendemos que cada passo dado dentro da narrativa expõe um sentimento de luta por liberdade, como é possível ver a seguir:

[...] o pacifismo, meu irmão, é como as sereias: não respira fora do mar da fantasia, não se dá bem com a realidade. Muito menos com essa nossa realidade, tão cruel. Angola não é para os mansos. Por favor, volta logo que te for possível. A luta continua. (AGUALUSA, 2017, p.168)

Então, a ideia de pacifismo que Daniel Benchimol tenta propor para Hossi é uma ideia utópica, uma vez que sua realidade nunca foi vivida num ambiente de paz, ao contrário, tudo o que estivera ao seu redor, foi marcado por conflitos. Por essa razão, a sede por luta é exposta, por vezes de maneira bruta, porque um lugar como Angola requer de seus habitantes certa quantidade de fúria e força, pois assim como ele mesmo diz, Angola não é para os mansos.

Através desse pensamento, podemos deduzir que a política de vida nos coloca no entremeio de dualidades, pois, se observarmos bem os modos que a constituem, está justamente dividida entre o que é por nós conhecido e aquilo que vem a se conhecer posteriormente, pois a vida se manifesta não somente na temporalidade marcada no relógio, mas principalmente naquilo que provém das conexões extracorpóreas e não-físicas.

Simas e Rufino (2020, p.3) afirmam que “a vida, afinal, é aquilo que praticamos cotidianamente e está em constante ameaça, a partir do veneno da serpente que, uma vez inoculado, espalha mortandade, descredibilizando o ser e os seus saberes”. Com isso, observamos que a política de vida surge dentro de um estado de exceção, um lugar em que os direitos são retirados. É interessante a analogia que é feita pelos autores, ao mencionar o veneno da serpente como esse fator que impossibilita o ser de possuir vida. Convém mencionar que na história da política, a serpente simboliza o fascismo. No sentido da política exercida no território angolano, a simbologia que mais cabe é o ovo da serpente, que ainda não foi chocado, mas que está ali a ponto de vir à tona.

Dessa maneira, a luta anticolonial é essa busca por sobreviver aos ataques do colonizador, é preciso se deixar encantar em meio as desolações. Frantz Fanon (2008, p.16) afirma que “a liberdade requer um mundo de outros”. Colocando em evidência o seu pensamento enquanto militante pelos direitos que foram subvertidos pela colonização, de modo que podemos entender que quando olhamos para esse contexto, a realidade é devastadora. Esse “mundo de outros” é justamente entender que a via de passagem, encontra-se em (re)conhecer a importância das vidas que estão além de nós. Pois, a colonização, a guerra e todo o movimento que se sucedeu após elas, transformam os seres humanos em meros artefatos insignificantes. É isso que encontramos quando fazemos um contraponto em relação a política de morte que envolve essa perspectiva colonizadora.

Entretanto, a política de vida se faz no avesso disso e traz a possibilidade de gerar vida por meio do encanto, afinal “o encantamento irriga o ser de possibilidades de liberdade” (SIMAS; RUFINO, 2020, p.6). A partir do momento que os sonhos entram em cena como uma tática de continuar a vida, a luta ganha sentido. Um combate é iniciado, mesmo que seja uma

luta de poucos, mas que caminha para ser de todos, visto que ao formar Hossi como um disseminador de sonhos, Agualusa torna claro que as conquistas surgem mediante o caminhar de cada um dos personagens, os quais adentram no espaço de Hossi Apolónio Kaley.

Sabendo que a política de vida se dá por meio do encantamento, que seria exatamente esses meios de olhar o mundo através não somente do visível e palpável, mas também das coisas que muitas vezes estão no campo do sobrenatural, do outro lado. É por meio das conexões plurais que a vida se (re)afirma. No cenário desenhado por Agualusa, somos mergulhados num mundo em que as possibilidades que chamam a vida, estão em todos os lugares, por isso, *A sociedade dos sonhadores involuntários* não somente alimenta a política de vida, mas em suma, é política de vida.

Assim, o encantar se desenvolve através dos sonhos experienciados pelos personagens. Esses que de um modo assustador e belo, têm os caminhos cruzados, ao que parece ser obra do acaso, contudo, são nesses encontros síncronos, possibilitados pelos sonhadores, que as táticas de guerra são instaladas no meio dos angolanos. Um momento muito interessante e que podemos discorrer é em relação aos símbolos inseridos na narrativa que nos fazem compreender a natureza do encantamento na obra, vejamos:

Reparei nas mãos dela, reparei nos dedos longos, de unhas pintadas de azul, tecendo lentas figuras no ar, enquanto falava, e pensei nas flautas dos encantadores de serpentes. Nesse momento, um dos corvos transformou-se em Hossi Apolónio Kaley, embora mantendo a forma física de um corvo. Era Hossi na figura de um corvo. Fixou em mim uns olhos severos: - Sonhos são artefatos delicados – murmurou. – A maioria esfarela-se à luz como a pele dos vampiros, e depois nem cinzas. Poucas pessoas sabem sonhar. Você tem vocação, mas falta-lhe prática. (AGUALUSA, 2017, p.47)

Daniel Benchimol está fazendo uma descrição de um sonho que teve com a mulher-dos-cabelos-de-algodão-doce, que na realidade chama-se Moira, e Hossi, que no sonho aparece na figura de um corvo. Daniel observa muito bem nos detalhes que constroem o sonho, por exemplo, a cor das unhas pintadas de azul fazendo figuras no ar.

Algo pertinente a se destacar é que em diversas situações a cor azul é mencionada: as paredes do bangalô em que sempre fica hospedado no Hotel Arco-íris, o qual Hossi era o proprietário: “[...] arranquei-lhe a chave da mão e dirigi-me ao bangalô azul. Era, como todos os outros, acanhado e feio.” (AGUALUSA, 2017, p.18), na cor do céu que é falado logo no início do romance: “[...] Era como se tivessem saltado do meu sonho para o céu, um papel de

seda azul-escuro” (AGUALUSA, 2017, p.9), e outras situações. Segundo o *Dicionário dos símbolos*:

[...] o azul é a mais profunda das cores: nele, o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito [...] é a mais imaterial das cores: a natureza o apresenta feito geralmente apenas de transparência [...] é o caminho do infinito onde o real se transforma em imaginário [...] e, quando ele se escurece, de acordo com sua tendência natural, torna-se o caminho do sonho. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1906, p.107)

Interessante a quantidade de elementos na cor azul dentro do romance, trazendo a conotação ao onírico, considerando que não são meros elementos colocados como acessórios, mas que constituem e complementam o real sentido de suas significações. A partir disso, inferimos que a sociedade está num estado de sonolência mediante um governo ditatorial e que com o passar dos anos é como se não houvesse mais esperança, por isso esse estado de dormência.

O céu que se torna um tom de azul-escuro logo no início da narrativa, encaminha-nos para essa trilha de sonhos que irão surgir no decorrer da obra, mesclando o real com o imaginário. Quando Hossi na figura de um corvo, fala no sonho de Daniel que poucas pessoas sabem sonhar, talvez, seja justamente porque o ato de praticar o sonho está em falta. Sonha-se e nisso permanece.

Em seu livro *O discurso sobre o colonialismo*, Césaire (1978, p.13) afirma que “uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais, é uma civilização enferma”. Ao que parece, podemos fazer uma ponte ao que é vivido em vários territórios que sofreram com a colonização ou que atualmente estão sob o jugo de um governo imperialista e totalitário, pois, quando observamos, as características se configuram muito semelhantes.

A negação de que algo ruim está acontecendo, o apoio a leis retrógradas e suspeitas, são apenas exemplos de que em algum grau, Brasil e Angola em muito se assemelham, e o que Césaire discorre sobre isso é de fato uma enfermidade que o tempo ainda não conseguiu curar, está impregnada desde a colonização e fundação dos Estados nacionais modernos e que vez ou outra, essas feridas se abrem e sangram.

Assim como Hossi, existe um grupo de jovens revolucionários que se autodenominam de revus, de maneira mais pacífica eles decidem tomar uma posição perante o regime instalado em Angola. Nesse grupo encontra-se a filha de Daniel Benchimol, Lúcia, ou como é mais conhecida, Karinguiri e o sobrinho de Hossi, Sabino Noé Kaley.

Ambos foram presos por irem contra o sistema, ou melhor, quererem pôr abaixo o sistema ditatorial. Eles “[...] enchem as redes sociais com vídeos de protestos contra a ditadura.” (AGUALUSA, 2017, p.115). Por ter essas atitudes afrontosas contra o governo, Lúcia que era muito bem posicionada em sua ideologia, tentava abrir os olhos do pai, pois ele dizia que

[...] criticava-me por aquilo a que ela chamava de complacência burguesa: - a diferença entre ti e mamã é que ela pelo menos tem uma posição clara: apoia a ditadura. Tu finges ser democrata, mas, na prática, fazes o jogo do regime. A ditadura cresce à sombra do vosso silêncio cúmplice. (AGUALUSA, 2017, p.115)

Diante desse argumento, Lúcia/Karinguirí expõe o que está latente em Daniel: embora, sentindo o peso da ditadura em seu país, o seu posicionamento permanece superficial e quase inerte. Ao mesmo tempo que em sua carreira como jornalista tivesse exposto as injúrias do governo, continuava a seguir no caminho do regime. Isso é algo muito interessante para se pensar, afinal, Daniel representa uma boa parcela da população, que não consegue se desvencilhar completamente do jugo colonial. Isso é notável a partir do momento em que ele tem consciência do que está a acontecer ao seu redor, mas não se posiciona concretamente no enfrentamento das injustiças.

Em contrapartida, Hossi Apolónio Kaley, estava nos primeiros passos de gerar um despertar interior e coletivo no povo de Angola, dado que pela movimentação causada pelos revus, uma inquietação já conhecida por ele, estava à vir tona, e por esse despertar, seus sonhos passam a ser irradiadores de vivacidade política.

3 O GUERRILHEIRO DESENCANTADO, OU QUANDO OS SONHOS SE VÃO JUNTO COM AS MEMÓRIAS

Nesse capítulo abordamos com mais profundidade a respeito do personagem Hossi Apolónio Kaley, o qual é o centro irradiador da política de vida, pois entendemos a sua relação com os demais personagens como uma construção essencial para o desenrolar do romance. Assim, olhamos para Hossi enquanto um dos personagens principais, pois encontramos na narrativa outros personagens que se mostram importantes para a construção do enredo e que dá sentido a história; contudo, ele aparece como um narrador, quando expõe descrições de eventuais momentos passados por meio de seus diários e, como um personagem, pelos motivos já mencionados anteriormente.

Assim, construímos uma discussão embasada na relação entre sonho e a memória política, em torno do personagem Hossi Apolónio Kaley. Para isso, continuamos a tecer o nosso olhar com a perspectiva da política de vida proposta por Simas e Rufino (2020), que ao propor o encantamento como uma forma de encarar as artimanhas políticas por um outro viés, não por um modo tradicional, mas sim pela busca em entender que as lutas não são feitas para atacar a vida humana, mas sim para ter uma visão de combate a um sistema de governo reacionário.

Com isso, a partir de suas experiências pessoais, Hossi as expande para o campo coletivo, e ao conectar-se com as pessoas pelos seus sonhos, uma teia de encantamento cresce e torna possível a partilha de um mesmo ideal no meio da sociedade angolana, que dialoga com o que James Wood (2012, p.89) afirma que “podemos saber muitas coisas sobre um personagem pela maneira como ele fala, e com quem fala – como ele lida com o mundo”. Por isso, consideramos necessário ter um olhar atento sobre esse personagem.

E nesse ato de repartir no espaço onírico uma perspectiva de mundo, vemos a política de vida ganhar ênfase, sendo pertinente termos como auxílio, o neurocientista Sidarta Ribeiro (2019), que estuda a respeito dos sonhos em seu livro *O oráculo da noite*, o qual trouxemos no capítulo anterior. Assim, num ambiente carregado de desencanto e morte, as travessias oníricas refletem o escape produtivo e ativo para o encontro da defesa anticolonial no mundo.

3.1 Hossi e a relação entre o sonho e a memória política

Desde a antiguidade existe uma aura mística que envolve os sonhos. Se olharmos para a história das civilizações antigas, vamos ver que a crença em enxergar o futuro por meio dos

sonhos esteve presente em muitas ocasiões: reis, imperadores e pessoas comuns, procuravam nas simbologias oníricas revelações sobre o que estava por vir. É possível encontrar enredos fantásticos que foram escritos há muitos anos, como é o caso das narrativas bíblicas e as histórias gregas que relatam a respeito do modo como aconteciam as premonições por meio dos sonhos. Sabemos então que

[...] uma das funções mais frequentemente atribuídas ao sonho é a de oráculo capaz de desvendar o futuro, determinar presságios, ler a sorte e adivinhar o desígnio dos deuses. Os sonhos eram levados muito a sério na Grécia antiga, situando-se no cerne da medicina e da política. (RIBEIRO, 2019, p.23)

E na sociedade atual, situações semelhantes são encontradas, pois os sonhos fazem parte do nosso dia a dia, ou melhor, da nossa vida como um todo, especificamente quando estamos dormindo, que seria o viver para dentro, conforme Sidarta Ribeiro. Esse estado de estar em movimento no subterrâneo da consciência enquanto estamos parados de olhos fechados, atuando apenas dentro da nossa mente.

Em diálogo com os sonhos, a memória se interliga a eles gerando uma rede de movimentações tanto oníricas quanto reais, pois, mais a frente percebemos que há uma sintonia entre ambos. No compilado de ensaios *Literatura e memória política: Angola, Brasil, Moçambique e Portugal* (2015), apontam para o que chamamos de memória política que é construído lado a lado com a história, conectando passado e presente em um lugar de escrita literária, que se constitui em uma busca por sentido mediante as vozes e experiências dos personagens.

Tendo isso em vista, destacamos na obra *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017) uma grande parcela narrativa de sonhos interligados, quando olhados atenciosamente percebemos que criam conexões plurais e ao mesmo tempo se torna algo singular. Dito isso, o autor abertamente insere elementos cotidianos e políticos que representam os saberes místicos e oníricos.

Situando simbolicamente nesse entremeio, preceitos africanos como, por exemplo, os quimbandeiros ou xamãs que Agualusa os classifica como aqueles que usam os sonhos para compreender o mundo e ainda menciona que “a palavra xamã vem de uma língua do leste da Sibéria, significando aquele que vê no escuro” (AGUALUSA, 2017, p.89). Podemos entender que esse “poder” de enxergar no escuro é justamente ter a compreensão da vida e suas infinitas voltas.

Para complementar a ideia dos elementos cotidianos, trazemos um excerto que coloca em pauta a rememoração das raízes familiares que também são importantes para o alcance do encantamento pelo sonho, visto que as bases ancestrais são fundamentais para a perpetuação dos ensinamentos e tradições e, isso se manifesta também nesses laços parentais feitos de memória:

Alguma vez pensaste para que servem os sonhos? – Sei lá! A minha avó se servia dos sonhos para saber coisas. Adivinhava o futuro através dos sonhos. Podia fazer sol, de manhã, mas ela sabia que choveria ao entardecer. – Sim. Os sonhos e a adivinhação estão ligados. Os sonhos foram desde sempre uma disciplina da magia. [...] Floco de Neve disse-me que os sonhos nos ajudam a enfrentar o mundo real. (AGUALUSA, 2017, p.71)

Esse questionamento feito por Floco de Neve a Hossi, sobre qual é a função dos sonhos, abre espaço para pensarmos acerca do motivo que leva as pessoas a enxergarem nessas imagens projetadas por nossa mente, possuírem um valor tão significativo. No fragmento acima, Hossi fala o que primeiro lhe vem à mente: a lembrança da avó fazendo adivinhações sobre a chuva, esquecendo-se de que ele próprio não consegue identificar o motivo pelo qual não sonha ou do porquê ele aparece nos sonhos de outras pessoas. Um mistério que o cerca.

Algo que não podemos negar é a complexidade que envolve o personagem Hossi Apolónio Kaley. Ao criá-lo, o autor não o torna um personagem insignificante e sem história, na verdade, nenhum personagem que é colocado no enredo aparece sem história. Mesmo que seja algo mostrado timidamente, não ficamos sem saber quem é, ou o que faz, ou de onde veio. Desse modo, Agualusa não deixa espaços vazios ou usa situações inseridas apenas como pretextos.

Sobre isso, Terry Eagleton (2020, p.149) diz que “a melhor maneira de ver uma obra literária não é como um texto com sentido fixo, mas como matriz capaz de gerar todo um leque de significados possíveis. Mais do que conter significados, a obra os produz”. E isso se deve ao fato de que um único texto literário é possível encontrar diversas interpretações com base em temáticas distintas. Visto que o olhar de cada leitor é diferente e é dessa forma que o texto literário ganha sentido. Por isso Eagleton diz que o texto não tem um sentido fixo; é verdade que o autor tem as suas próprias inferências ao escrever a obra e quer que algo seja reconhecido por meio do contato com a história, contudo as impressões do leitor complementam o sentido proposto pelo autor.

Aqui, optamos por analisar um dos muitos personagens que compõe a narrativa e isso abre uma entre várias possibilidades de interpretação, observando os caminhos que são

envolvidos pelos sonhos. Por isso, evidenciamos o personagem Hossi. Como mencionado anteriormente, ele possui peculiaridades, pois alguns mistérios envolvem a sua história. Além disso, há dentro desse mistério uma certa complexidade psicológica, visto que as atitudes desenvolvidas no decorrer da história mostram que ele possui alguns altos e baixos.

Sabemos que um personagem é um ser criado a partir do imaginário do autor e que por vezes carrega traços que são reconhecidos em alguém real. Isso sugere que em muitos casos o personagem pode estar sendo a figura de um ser real, apesar de não ser um ente que existe de fato fora do romance. Há uma certa verossimilhança na qual nos encontramos na ficcionalidade. Antonio Candido diz que

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. (CANDIDO, 2018, p.52)

Por essa razão, apesar de se tratar de um ser ficcionalizado, encontramos tantas complexidades e contradições no personagem que se assemelham ao que faz parte de uma pessoa real. A literatura tem o poder de alcançar o mais íntimo e profundo existente no ser humano para a obra literária.

A partir dessas considerações, o apresentamos aqui com mais detalhes iniciando com o seguinte excerto: “Investigo o passado de toda a gente. Foi um vício que me ficou dos tempos antigos.” (AGUALUSA, 2017, p.24). Quando Hossi Apolónio Kaley fez parte da guerrilha, o trabalho no qual ficou encarregado era ser um interrogador. Em função disso, muitas pessoas passaram momentos terríveis em suas mãos e em consequência disso, depois de anos do fim da guerra, Hossi carregava inimigos e pessoas que o queriam morto:

– Foi em 1995. Eu era professor primário. Dava aulas em Luanda. Nesse ano a minha mãe morreu e eu tive de viajar para o Bailundo, para o óbito. A Unita estava em Bailundo. – Bem sei, disso ainda me lembro. - Um dia apareceram uns militares na minha casa e levaram-me. Diziam que eu roubara um lote de diamantes. – Fui eu que te interroguei, claro. – Sim. Você se lembra? – Não me lembro. Mas eu fazia isso, o meu trabalho era extrair informações. (AGUALUSA, 2017, p.133)

O fragmento acima foi retirado de uma discussão pesada que aconteceu entre Hossi e uma pessoa chamada Ezequiel Obembua. Esse homem veio até o Hotel Arco-íris portando outro

nome, pois a sua intenção era tirar a vida de Hossi, pelo motivo que ele fala no trecho acima. Foi interrogado pela suspeita de roubar diamantes e nesse desenrolar, acabou sendo torturado por Hossi no momento do interrogatório. Contudo, ele desiste, pois Hossi já não lembrava mais do ocorrido, então sua vingança não fazia mais sentido.

Esse episódio leva até o dia em ele passou a perder sua memória. Grande parte do que sabemos sobre esse personagem é o que ele mesmo diz em seus diários. Sua perda de memória não ocorreu especificamente por causa da guerra, mas agravou a situação. Ele escreve então, numa terça-feira, 25 de agosto de 1998: “portanto, uma manhã subi para um telhado para consertar uma antena, chovia, e eu levei dois raios no corpo, morri e ressuscitei, e perdi nesse processo um pedaço de memória ou, melhor, muitos pedaços de memória.” (AGUALUSA, 2017, p.58). Nessa ocasião, Hossi estava em um alojamento com outros militares, era um tempo de guerra e ali tinha vivido situações estranhas e desgastantes.

Ele relata situações que vão do corriqueiro ao desconhecido e sem lógica, como se estivesse em um lugar encantado, fantasioso e que beira a alucinação, no qual ficamos sem saber o que realmente aconteceu ou o que estava sendo apenas visões distorcidas do real. Vejamos o fragmento a seguir:

Durante a guerra vi o que não tem esclarecimento. Luzes atravessando paredes; chuvas de aranhas e pássaros mortos. Lembro até hoje de uma lagoa da qual saltavam sapos gordos, amarelos como limões. Quem comesse aqueles sapos começava a falar uma língua desconhecida. [...] também me lembro de um velho que vomitava pequenas serpentes como se fosse macarrão [...] havia um embondeiro que cantava ao anoitecer as canções mais tristes do mundo. Vi mulheres fuziladas, apedrejadas, queimadas vivas, porque os soldados as acusavam de voar à noite, com os morcegos. [...] certa ocasião entregaram-me um homem, um famoso feiticeiro, acusado de envenenar o Savimbi. Enquanto conversávamos [...] o sujeito foi envelhecendo. Não chegou a confessar nada porque morreu de velhice nos meus braços. (AGUALUSA, 2017, p.56)

O que podemos classificar como real ou ilusório nessa descrição vivida na guerra por Hossi? Há elementos que fazem algum sentido, porém, outros ultrapassam a lógica do que conhecemos a respeito do mundo. Seres inanimados ganham vida e passam a coexistir no ambiente como algo real e que somos levados a acreditar no que está sendo dito. Assim, entendemos que para poder dar conta de uma experiência tão pesada de ser vivida e sentida, esses seres são inventados e dessa maneira, um novo lugar é recriado à luz desses acontecimentos insólitos.

Ali naquele ambiente estive em contato direto com pessoas que matavam e morriam, sua mente estava em colapso, passando até mesmo a sonhar com aqueles com quem havia

estado e viu morrer, como é o caso do capitão Petrus Viljoen, que morreu em seus braços e que tinha consciência de que todos naquele lugar já estavam no limite e matando sem motivo.

Então, desde esse momento ele diz:

[...] passei a sonhar com o capitão Petrus, passei a sonhar com outros mortos, inclusive com alguns que eu mesmo havia despachado para o lado de lá, e todos os mortos me falavam de amanhã sem nexos e da estupidez da guerra, e então comecei a relaxar os meus deveres, a minha higiene e, sobretudo, a minha própria segurança. (AGUALUSA, 2017, p.57)

Nessa ocasião Hossi ainda conseguia sonhar, mesmo que fossem sonhos perturbadores, pois sonhava com pessoas mortas na guerra e homens mortos que conversavam com ele a falar sobre como a guerra tornara-se inútil e sim, os amanhã eram sem nexos porque eram apenas um borrão, pois quando se está em uma guerra os dias são incertos. Entendemos então que “para sonhar com emoções tão fortes é preciso vivê-las na vigília. A matéria do sonho são as memórias, ninguém sonha sem ter vivido.” (RIBEIRO, 2019, p.18). Com essa afirmação de Sidarta Ribeiro, passamos a ter noção de qual o motivo que leva a Hossi a ter pensamentos e sonhos tão incertos (pelo menos é a impressão que temos).

Com tudo isso rondando a sua mente, Hossi parece entrar num estado depressivo, pois já não conseguia mais ter ânimo para realizar as coisas mais simples. Logo em seguida, acontece o acidente no telhado com os raios, e como ele mesmo fala, a sua segurança não estava mais sendo uma prioridade. Isso pode ser notado ao observar o cenário em que o acidente aconteceu: uma noite chuvosa, em um telhado. Essa situação denuncia que algo de ruim poderia acontecer. Parecia até mesmo que caso algo acontecesse com sua vida, ele estaria no lucro, visto que estando no meio de uma guerra, não se pode ter certezas de que poderá voltar para casa com vida. Desse modo, esses acontecimentos dialogam com o que Ribeiro afirma:

[...] o sonho é essencial porque nos permite mergulhar profundamente nos subterrâneos da consciência. Experimentamos no transcorrer desse estado uma colcha de retalhos emocionais [...]. Na vida do sobrevivente de guerra, do presidiário ou do mendigo, o sonho é um tobogã de afetos em tons gritantes de vida e morte, prazer e dor nos extremos desejantes. (RIBEIRO, 2019, p.19)

Podemos, a partir disso, inferir muitas coisas a respeito do que ocorre na vida de uma pessoa quando inserida num ambiente caótico, como é a guerra ou em qualquer situação a qual seja destrutiva para um ser humano. As cargas emocionais negativas que se incrustam na mente, reverberam em todos os aspectos da vida, a começar pelos sonhos e se espalham para as

vivências cotidianas. Tudo que se inicia na mente encontra um meio para adentrar os outros espaços da vida. Muitos sobreviventes de guerra passam o resto dos dias com traumas e sequelas irrecuperáveis pelo tamanho do estrago causado pelas imagens vívidas e reais que foram presenciadas.

Ribeiro (2019) explicita isso de uma forma muito intensa, que realmente ocorre. Os picos de afetos e desafetos vão de uma ponta a outra em questão de minutos, o que ocasiona em complicações na vida em vários aspectos, em muitos casos a vida em sociedade se torna impossível. No caso do personagem Hossi, os saltos de humor tendem a aparecer em momentos específicos e ocorrem por conta de gatilhos que o fazem lembrar do seu passado sombrio e surge nele um “eu-herói” que deseja resolver todas as coisas com base em suas experiências de guerra, como se tudo pudesse ser solucionado de um jeito violento.

Depois do acidente com os raios, as lembranças perturbadoras da guerra se tornaram um agravante em relação as memórias de Hossi, e é perceptível que era algo que o incomodava, para ele perder a memória é como se perder de si mesmo. No seguinte trecho ele explicita:

– Perder memórias não é o mesmo que perder um braço – disse-me. – Quando perdemos um braço sabemos que perdemos um braço. As pessoas olham para nós e sabem que perdemos um braço. Com as memórias, não. Não sabemos que as perdemos, ninguém dá conta, mas, como as perdemos, alguma coisa no nosso espírito deixa de funcionar. (AGUALUSA, 2017, p. 42-43)

Hossi enxerga a perda da memória como um pedaço seu que não existe mais, pois alguém continua sendo o mesmo não se lembrando de quem é? Esse é um questionamento que ele faz. É possível perceber que em algum momento Hossi desistiu da vida; não consegue ver a beleza de viver e isso trouxe o desencanto, por que “o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto” (SIMAS; RUFINO, 2020, p.7). Hossi já havia experimentado a morte, sabia exatamente a sensação de estar morto, juntamente a isso, essa nova experiência de se estar vivo e não se ver como um vivo. Antes de encantar por meio dos sonhos, ele esteve desencantado, pois

O desencantamento diz sobre as formas de desvitalizar, desperdiçar, interromper, desviar, subornar, silenciar, dismantelar e esquecer as dimensões do vivo, da vivacidade como esferas presentes nas mais diferentes formas que integram a biosfera. Entender o desencante como uma política de produção de escassez e de mortandade implica pensar no sofrimento destinado ao que concebemos como o humano, no deslocamento e na hierarquização dessa classificação entre os outros seres. (SIMAS; RUFINO, 2020, p.8)

Com isso, podemos até mesmo dizer que Hossi é um “supravivente”, conforme afirmam Simas e Rufino (2020), pois vamos aos pontos: Hossi é um sobrevivente de guerra; passou pela morte três vezes antes de morrer de forma definitiva e por último, conseguiu passear pelos sonhos de outros e além disso, contagiar ao ponto de todos terem o mesmo sonho de forma coletiva!

Os sobreviventes transformam-se em “supraviventes” quando deixam de ser apenas reativos ao mundo e passam a afirmar a vida como uma política de construção de conexões, então “o salto crucial entre a sobrevivência e a supravivência demanda um conjunto de estratégias e táticas para que saibamos atuar nas batalhas árduas e constantes da guerra pelo encantamento no mundo.” (SIMAS; RUFINO, 2020, p.3). Por isso, diante das inferências tecidas até aqui, observamos que apesar do personagem Hossi ter ficado em um estado de desencanto por causa dos momentos vividos que lhe tiraram a vivacidade, ele deu a volta e se refez alguém politicamente vivo.

3.2 (Re)encantamento e luta anticolonial: os sonhos enquanto articuladores da democracia na trama

Hossi ao se refazer como alguém politicamente ativo, passa de um ser desencantado para alguém que perpassa o encantamento por meio de suas travessias nos sonhos das pessoas, em outras palavras, é o uso do insólito como alegoria da política de vida. A primeira vez que apareceu em um sonho vestido com um casaco roxo, foi Floco de Neve que relatou ter sonhado com ele, após isso, várias outras pessoas no local diziam a mesma coisa:

Um maluco veio pôr-se hoje à minha frente cortando-me o acesso ao refeitório. Começou a gritar comigo. Não entendi tudo o que ele dizia, mas entendi o suficiente. Acha que sou quimbandeiro. Um outro colocou-se ao lado dele, e a seguir um terceiro, um quarto e um quinto. Era uma muralha de enfurecidos. Recuei, voltei para o meu quarto. Fechei a porta à chave. Ouvia os urros lá fora, uma agitação crescente. Começaram as pancadas na porta. Pensei que fossem me linchar. (AGUALUSA, 2017, p.55-56)

Quando os pacientes da clínica perceberam que Hossi estava rondando pelos sonhos de todos ali, passaram a desconfiar dele e achar que era algum tipo de feitiço que estava realizando, pois começaram a denominá-lo de quimbandeiro, dado que essa situação era algo que estava causando espanto e alvoroço. Até mesmo o próprio Hossi ficou assustado com o que estava

acontecendo, pois ele não sabia de nada e não era por vontade própria, na verdade, ele nem mesmo lembrava de que estivera no sonho de alguém.

Nos interessa saber inicialmente o motivo que levou Hossi a estar internado numa clínica. Enquanto ainda estava no movimento da guerrilha, Hossi foi mandado para a África do Sul, mas no caminho o carro foi pego por uma emboscada de militares angolanos. Nesse acontecimento, ao ficar internado e as conversas sobre ter um paciente com o dom de andar nos sonhos, ele foi pego, e a inteligência angolana o levou como cativo para que pudesse ser usado como uma arma viva contra os cubanos, pois suas pretensões eram usá-lo para nas caminhadas oníricas descobrir ataques e armadilhas dos inimigos:

- Você é brigadeiro, não é? Sei que lutou do lado dos fantoches. Agradeço a sua sinceridade. Chamo-me Pablo, Pablo Pinto, e sou capitão. [...] Querem que investiguemos. Eles gostariam de ter um agente capaz de se passear pelos sonhos alheios. [...] você deita-se e dorme, o bom povo cubano dorme, e na manhã seguinte nós falamos com alguns dos seus vizinhos. Isso, partindo do princípio de que você só consegue invadir os sonhos de pessoas que dormem nas proximidades. (AGUALUSA, 2017, p.60)

Então, ele permaneceu por um tempo preso em um quarto de apartamento sem ter contato com nenhuma pessoa, porém todos os moradores do prédio tiveram sonhos com Hossi, sempre vestido com o casaco roxo, contudo, ao dar-se conta de que ele não se lembrava de nada pela manhã, o capitão percebeu que Hossi não serviria para o fim que pretendiam usá-lo.

Encontramos aqui o cerne do colonialismo contemporâneo, em que as vidas são usadas como meros objetivos de guerra. É o que Aimé Césaire (1978) afirma quando propõe a equação: colonização = coisificação, esse é um tipo de opressão que é dirigido às pessoas da nação que são forçadas a fazer parte de um projeto destruidor de vidas. Esse neocolonialismo aparece de forma sutil e se aprofunda aos poucos na mente da população, pois, diferentemente do colonialismo exercido por Portugal, o neocolonialismo presente em Angola libera no intelecto do povo ideias carregadas de bondade, mas que na prática transformam todos em coisas sem valor algum.

Ao final, todo tipo de colonização está no mesmo patamar independentemente de onde está acontecendo ou a maneira que se fez, pois “é utópico procurar em que um comportamento desumano se diferencia de outro comportamento desumano” (FANON, 2008, p.85). Portanto, todas as motivações que atentam contra a vida humana estão empregadas para um mesmo fim, por isso, não podemos dizer ou mensurar qual foi ou é a pior situação.

Isso é algo que Césaire (1978) assegura ao trazer para o seu discurso que cada homem colonizador possui em si um Hitler. Talvez, isso soe como algo pesado de se dizer, porque quando pensamos em alguém cruel em momento algum é algo que se compare com a maldade que causou o extermínio de milhares de pessoas. No entanto, a colonização é perversa em todas as esferas, quantidades e modalidades, posto que

Ninguém coloniza inocentemente, nem ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma nação que justifica a colonização – portanto, a força – é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama o seu Hitler, isto é, o seu castigo. (CÉSAIRE, 1978, p.21)

É pertinente dizer que essa questão da enfermidade da sociedade que se expõe a negação de que algo não está certo, se deve ao motivo pelo qual muitos tentam permanecer em silêncio: o medo de confrontar e ir contra as imposições tirânicas de governantes com tendência ao autoritarismo, que é o caso do personagem já mencionado, Daniel Benchimol. Apesar de se reconhecer como alguém que vai contra o regime, permanece em cima do muro. Entretanto, há um despertar coletivo na sociedade angolana.

O despertar angolano surgiu inicialmente quando os revus provocaram a luta pacífica e que ganhou repercussão dentro e fora do país. A partir de então, Hossi começa a reconhecer nisso uma situação propícia para fazer o que até o momento não conseguira. Ele tinha convicção de que a guerra ainda não tinha chegado ao fim, como vemos no seguinte fragmento:

[...] uma rajada de vento atirou sobre nós, num açoite brusco, uma poeira ardente, cor de sangue. Hossi esfregou os olhos muito vermelhos; sacudiu o cabelo, ainda mais desgrenhado do que o habitual. Soltou uma gargalhada ácida: - A guerra não acabou, amigo. Apenas dorme. (AGUALUSA, 2017, p.130)

Essa conversa compartilhada por Daniel, parece até o prenúncio do que estava por acontecer, pois Hossi estava sedento por algo que pudesse fazê-lo matar o seu desejo por acabar com toda a situação que o estava circundando. Seu sobrinho estava numa prisão como um preso político junto com os demais jovens; sentia que alguém estava com a intenção de matá-lo e em sua mente imperava a vontade de dar um fim a tudo isso.

Simas e Rufino (2020, p.13) reitera a noção do desencanto quando dizem que “o desencantamento às vezes aniquila, às vezes aquebranta, lançando-nos em uma contínua perda de vivacidade que imobiliza e tampa nossos ouvidos ao canto do pássaro dos sonhos”. Essa é a

razão pela qual até então os angolanos pareciam inertes ao que acontecia no país. Os sonhos estavam perdidos no esquecimento, assim como Hossi por muito tempo apenas existia, mas não conseguia se encontrar.

Assim como ele estava pressentindo, sucedeu. Os jovens permaneciam presos com a ideia da greve de fome ainda vigente enquanto a ele, levou tiros de um policial conhecido pelo codinome “20matar”. Apesar da incerteza, tudo levava a crer que ele tinha atentado contra a vida de Hossi e que era uma operação organizada pela segurança do Estado. A partir disso, já é possível perceber que o governo via em Hossi uma ameaça contra o sistema, afinal, por qual outro motivo atentariam contra a vida de um cidadão angolano que fora parte do partido opositor?

Assim, a luta anticolonial toma forma, pois no momento em que o governo se sente ameaçado por simples ações que se tornam grandes, passam a perceber que o poder sobre as vidas não está totalmente em suas mãos e que a sociedade que luta por um lugar democrático pode revolucionar e contagiar outros, mesmo que haja percalços, pois a repressão surge das mais variadas formas, como vimos na situação vivida por Hossi, o jeito de pará-lo foi atentando diretamente contra a sua vida, porque

A repressão é, nesse sentido, a defesa pela qual o ego controla e exerce censura em relação ao que é instigado como uma verdade ‘desagradável’. Falar torna-se, assim, virtualmente impossível, pois, quando falamos nosso discurso é interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser dita nem tampouco ouvida. (KILOMBA, 2019, p.42)

Enquanto Hossi permanecia internado em coma no hospital, o mundo se mobilizava de forma solidária aos sete jovens ativistas que prosseguiram com a greve de fome e isso trouxe renovação e alento ao movimento democrático. Pessoas de várias classes sociais se juntaram ao movimento; até mesmo famílias poderosas que estavam ligadas ao partido no poder.

Como esperado, Hossi começou a aparecer nos sonhos das pessoas que dormiam no hospital. Uma dessas pessoas que sonhou com ele foi sua namorada, Ava, nesse sonho lhe fala sobre querer conversar com Daniel, assim, logo que foi possível, sucedeu

Passei uma noite num quarto ao lado daquele em que o Hossi está internado. Sonhei que estava num avião, voando sobre um oceano imenso, e que o Hossi seguia ao meu lado, vestido com um casaco roxo, cheio de emblemas e medalhas, como o porteiro de um grande hotel. [...] – Ainda bem que vieste – disse-me o Hossi. – Estava à tua espera. (AGUALUSA, 2017, p.220)

Na sucessão da conversa, Hossi lhe fala a respeito dos seus diários que estavam guardados num lugar secreto em seu hotel. Como sabemos, são nesses diários que estavam todas as lembranças de Hossi e situações terríveis que nunca foram ditas a alguém. No dia 8 de novembro de 2016, ele escreve:

Hoje é o aniversário da minha primeira morte. Em anos anteriores costumava levantar-se de manhã cedo e sair caminhando pela praia, tentando não pensar em nada. Não pensar em nada, quando se tem o coração pesado de dor, é muito difícil. Eu apenas caminhava. [...] Adriano era a única pessoa, de entre aquelas com quem convivo, sabe o que se passou. Até hoje. Agora Ava também sabe. Mas ele estava lá. Testemunhou tudo. Viu, como eu vi, a minha mulher ser arrastada pelos cabelos, aos gritos. Viu quando lhe empurraram o rosto contra a poeira vermelha. Viu quando lhe encostaram a lâmina ao pescoço. Também viu quando mataram os meus meninos [...]. (AGUALUSA, 2017, p.224)

Além de ser um sobrevivente da guerra, Hossi também é um guerreiro que persistiu na vida após perder tudo. Apesar de ser algo admirável, não podemos romantizar as dores sofridas no decorrer dos tempos pois, “de todas as expedições coloniais acumuladas de todos os estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais expedidas, é impossível resultar um só valor humano” (CÉSARIE, 1978, p.16). Isso fica claro quando olhamos para tudo que ocorreu a Hossi nesses anos todos que são descritos por ele.

Ele morreu e de uma maneira insólita voltou à vida duas vezes, ainda, presenciou o assassinato de sua família inteira. Depois de viver tantas vidas em um único corpo que de certo modo faz-se em tantos; é aqui que o encantamento se transforma numa travessia de possibilidades infindas.

Simas e Rufino (2020, p.6) diz que “a morte enquanto rito pode ser a chave para a compreensão da esfera da vivacidade e não da dicotomia vivo e morto, como algo ativo e inativo ou útil e descartável”. Logo, considerando essa afirmação, temos dito que a política de vida se faz a partir da busca por um sentido existente na terra, mas que ultrapassa as motivações por nós conhecidas. É a luta pela liberdade opressora que torna possível a visão do encanto até mesmo nos momentos desoladores, como pode-se ver no trecho a seguir:

– Tens de ver isto! – disse-me Armando Carlos. Aproximei-me. Olhei, incrédulo, as imagens em movimento: - É o meu sonho! Vocês gravaram o meu sonho?! – Não é o teu sonho. – Contestou Moira. - É o meu sonho. – Nem teu nem dele. – Disse Armando Carlos, muito calmo. – Parece que esta noite, em Luanda, todas as pessoas tiveram o mesmo sonho. [...] Sai à rua e fala com as pessoas. Vais ficar espantado. Esse povo todo, lá fora, sonhou com o Hossi. [...] é nosso! É o nosso sonho! (AGUALUSA, 2017, p.242)

Então, na noite em que Hossi morreu, todos em Luanda tiveram o mesmo sonho. Ele apareceu no sonho de todos habitantes da capital e assim a vontade de luta repercutiu na mente e no coração de cada angolano. Finalmente a conquista estava ali na frente de todos. Ao partir, deixou na memória dos combatentes que o riso triunfaria sobre a escuridão. Em tempos sombrios como os que são vividos em Angola, por essa razão é necessário entender que

Alargar o tempo é ir além das aparências e compreender os pluriversos dos seres e suas conexões. [...] afirmar a vida neste e nos outros mundos – múltiplos feito as folhas – como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo. (SIMAS; RUFINO, 2020, p.15)

Assim, passamos a entender que a vida só se torna possível quando olhamos para dentro e encontramos o que muitas vezes cogitamos termos perdido, mas na realidade está apenas adormecido. Num momento tão turbulento como o que temos enfrentado, socialmente e economicamente, sendo destratados e vendo milhares de vidas sendo menosprezadas, diante de uma intenção tão sombria que é vivida nos países que ainda carregam em suas atitudes as raízes plantadas pela colonização, enxergamos uma sociedade enferma, e que está entregue inconscientemente as armadilhas que tiram a vivacidade dos corpos. Portanto, inferimos que estender a política de vida pelos mundos, é o que transformará as tantas perdas, em ganhos e triunfos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa observou-se que a conjuntura neocolonial na Angola contemporânea é um resquício da colonização portuguesa e das diversas guerras civis realizadas no país, o que ocasiona o crescimento de desigualdades sociais e a mortandade, esta surge de duas formas: a física e a interior, a qual, a última é conhecida nesse estudo, como o desencantamento do ser. Esse desencanto ocorre através da perda da vivacidade, quando o ser humano se ausenta de si mesmo pelas motivações causadas pelo mundo que se vive, aliás, pelo modo como as situações são gerenciadas e que por fatores externos muitas vezes vão além do que se suporta.

A criação do personagem Hossi Apolónio Kaley, no romance *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), libera a mente do leitor a perceber que para se gerar política de vida em um ambiente catastrófico, tomado pelos pensamentos cauterizados de governos com pretensões ditatoriais, está em conseguir enxergar para além do agora, num sentido de não permitir ser tomado pelo jugo colonizador que tenta pôr abaixo quaisquer que sejam os empreendimentos levantados para alcançar a liberdade das correntes colonizadoras. Por esse motivo, a sua vivência é demarcada dentro do cenário neocolonial em Angola por meio de seus sonhos.

Assim, a análise interpretativa realizada no romance responde aos objetivos propostos para essa pesquisa, pois, por meio dela foi possível compreender um pouco do processo da luta anticolonial empreendida em Angola que é demonstrada na prosa de José Eduardo Agualusa. Por meio da investigação e leitura dos materiais selecionados vê-se que os sonhos do personagem Hossi e dos demais personagens constroem pontes que vão se desdobrando e fazendo surgir situações diversas que se conectam e vão dando sentido à história, até mesmo quando a ficcionalização insólita surge num despontar inesperado, e isso contribui para tornar a relação entre as memórias políticas e os sonhos algo palpável e possível de existência.

A pesquisa foi realizada através de uma bibliografia selecionada com rigor, pois convinha construir um diálogo que estivesse de acordo com a temática escolhida. Por esse motivo, percebe-se que o método de caráter exploratório serviu exatamente para que a discussão se tornasse concebível. Nesse sentido, os autores utilizados para embasamento teórico refletem a importância da temática, porque retomando as questões desenvolvidas até aqui, ressaltamos principalmente a política de vida proposta por Simas e Rufino que no ensaio *Encantamento: sobre política de vida* (2020) publicado ano passado traz reflexões fundamentais para continuar

a serem explorados no campo acadêmico, considerando os tempos sombrios que a sociedade como um todo está rodeada, a necessidade de se propor a estudos dessa verve é urgente.

Por esse motivo, por se tratar de um assunto ainda pouco abordado na academia, a relação da política de vida implantada pelos sonhos enquanto a luta anticolonial na prosa angolana contemporânea, sugerimos que esse trabalho se expanda por meio de outros estudos que possam abarcar e tornar os sonhos instrumentos de luta política nas constantes armadilhas colocadas no caminho. Os sonhos são o que impulsiona e enche o ser de possibilidades para outro mundo de novos afetos.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin; SILVA, Rejane Vecchia Rocha e. (Org.) **Literatura e memória política**: Angola, Brasil, Moçambique e Portugal. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2019.

AGUALUSA, José Eduardo. **A sociedade dos sonhadores involuntários**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2017.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Sales; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol (Org.) **A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018. p. 51-80. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3923731/mod_resource/content/1/Antonio%20Candido%20-%20A%20Personagem%20do%20romance.pdf Acesso em: 30 de maio de 2021.

BITTENCOURT, Marcelo. **A história contemporânea de Angola**: seus achados e suas armadilhas. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4535692/mod_resource/content/1/hist%20angola%20cont.pdf Acesso em: 15 de out. de 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva *et al.* 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

FANON, Frantz. Racismo e cultura. *In*: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-colônias. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 273-285.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf Acesso em: 15 de jul. de 2021.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução do século XXI**. MANOEL, Jones (Org.) / Tradução de Diego Silveira *et al.* São Paulo, Boitempo, 2020.

NDOMBA, Borralho. Novos movimentos políticos surgem para fazer frente ao MPLA. **DW**, 25 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/novos-movimentos-pol%C3%ADticos-surgem-em-angola-para-fazer-frente-ao-mpla/a-56332843> Acesso em: 17 de out. de 2021.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RAMALHO, Victor. O 4 de Fevereiro, a unidade dos angolanos e a solidariedade. **Novo jornal**, 5 de fev. de 2021. Disponível em: <https://novojornal.co.ao//opinioao/interior/o-4-de-fevereiro-a-unidadedos-angolanos-e-a-solidariedade-100709.html> Acesso em: 18 de ago. de 2021.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.